

Os Contos de Fadas e a Psique

Lúcia Helena Hebling Almeida

Resumo:

O artigo relata a experiência pessoal da autora com os contos de fada, a linguagem simbólica neles presente, a importância dos mesmos para a estruturação psíquica da criança e sua pertinência à Psicologia da Educação.

Palavras-chave: *Contos de fada, simbolismo, Psicologia da Educação.*

Abstract:

The article reports the author's personal experience with Fairy Tales, their symbolism and the importance of symbols to a child's psychic formation and how pertinent they are to the psychology of education.

Key words: *Fairy Tales, symbolism, Psychology of Education*

Partindo do relato de minha experiência pessoal, tenho como objetivos neste artigo mostrar a importância dos contos de fadas para a estruturação psíquica da criança, observar a linguagem simbólica neles presente e sua pertinência à Psicologia da Educação.

Sou a neta mais velha, muito “paparicada”, cresci ouvindo muitas histórias, que meus avós maternos diziam ser muito antigas, e eram contadas por eles em detalhes, com muito amor e paciência.

Meus avós paternos davam continuidade a isso, com um incentivo a mais, comprando-me livros, que não “entendia” mas que me absorviam pelas figuras ilustrativas e eu me deliciava com eles.

Lembro-me de diversas vezes minha mãe pedir para que olhasse a figura, ou ainda outras vezes, quando ela delineava as letras, apontando-as para eu saber onde estava lendo (sim, porque eu, chata, queria saber!).

Lembro-me ainda de muitas histórias contadas por minha mãe antes de eu dormir - quando quase pegava no sono, ela parava, e no dia seguinte continuava... e... se não continuasse exatamente onde havia parado, eu a corrigia dizendo qual era o ponto exato para que ela pudesse continuar. Muitas dessas histórias eram contos de fadas e outros contos que eu achava maravilhosos!...

Creio que em decorrência deste estímulo aprendi a ler sozinha e tornei-me uma devoradora de livros, desde a infância até agora.

Fiz magistério, adorava a alfabetização, encantava-me o universo infantil. Sempre que podia, ao final do período, contava para as crianças os contos de fadas que

escutavam completamente absortas, não se ouvia um barulho na sala.

Passei a me interessar pelas crianças que tinham dificuldade em aprender, tentando entender o que acontecia com elas. Resolvi fazer psicologia e depois especialização em psicologia da aprendizagem. Trabalhei anos nesta área, e os contos de fadas sempre estiveram presentes no atendimento de crianças com dificuldade de leitura e escrita, ou como “fechamento” de um atendimento mais individualizado, marcando o final dos trabalhos do dia.

Parei de trabalhar na área escolar, fui para a clínica, especializei-me na psicologia junguiana, e lá estavam eles - os contos de fadas, os mitos, os sonhos, a alquimia. E na alquimia da vida, continuo realizando o meu sonho: levar os contos de fadas para as crianças que atendo, porque, ao contá-los ajudo-as a se perceberem mais, a vencerem seus medos, a projetarem um futuro, a acreditarem no mito eterno do viver plenamente.

Ouvir e contar os contos de fadas é algo que toca nossa afetividade, nossas emoções e nossos sentimentos. Ouso dizer que tocam a nossa alma, o nosso “princípio de vida”, pois as imagens neles contidas vão direto ao inconsciente.

Ao ouvir um conto ou mito, a criança revive, pelas imagens, possibilidades de atuação, pois ao conversar com bruxas, monstros, dragões, enfrenta seus medos; com o auxílio das fadas, da espada mágica e, vencendo provas e obstáculos, a criança adquire forças para vencer o que a assusta e entra em contato com o arquétipo do herói.

O mundo infantil é mágico e cheio de imagens,

sejam elas belas ou feias, maravilhosas ou aterrorizadoras. A narração dos contos de fadas possibilita à criança uma organização destas imagens num todo mais coerente. Alguns contos apresentam imagens e situações sobre os problemas do crescimento, os medos e as provas a serem vencidas, sobre a morte e o retorno à vida, sobre o cuidado, a atenção, o planejamento e a organização mais conscientes. Outros, falam sobre a necessidade de enfrentar-se a realidade, submeter-se às normas, buscar o companheirismo e amizades, preparando as crianças para serem pessoas socialmente ativas.

Pavoni (1989) relata o caso de uma criança que não dormia porque tinha medo que após ouvir contos de fadas de medo (sugestão dada por um psicólogo), passou a dormir tranquilamente, pois esta experiência possibilitou um redirecionamento na psique.

Os contos de fadas, os mitos e os sonhos têm em comum o uso da linguagem simbólica “uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e pensamentos são expressos como se fossem experiências sensoriais, fatos do mundo exterior” (Fromm, 1966, p. 14).

A linguagem simbólica, por outro lado, também enriquece a imaginação que, por sua vez, estabelece uma relação entre o mundo externo e o interno. E o mundo interno possibilita um espaço onde “reinem” os sentimentos.

Os contos de fadas favorecem a capacidade de imaginação, simbolização e abstração, introduzindo a criança na difícil tarefa da observação de seus sentimentos.

A ciência, em seu desenvolvimento e numa perspectiva mecanicista e positivista, cindiu-se, deixando de considerar significados profundos. O homem moderno fruto desta ciência e educação tornou-se um ser cindido das questões espirituais e metafísicas. O homem moderno carece de sentido e significado, o que, segundo Jung (1988), determina o aparecimento de neuroses.

Machado Filho (1994) aponta que a primeira grande cisão vivida pela humanidade foi a transição “ocorrida do tempo/espaço mítico para o tempo/espaço histórico”, pois esta cisão rompeu o elo que ligava as civilizações às suas origens e retirou do homem a comunhão de substância que havia entre ele e as forças cósmicas”; e como esta transição se tornou irreversível, cabe ao homem moderno o “desafio de resgatar através de si mesmo o elo perdido com as forças primordiais” (p. 2).

Os contos de fadas falam-nos de um tempo primordial (“No tempo em que os desejos se realizavam...”), narram aquele “tempo/espaço mítico” (Era uma vez, numa terra muito distante daqui, num outro tempo...), a trajetória da vida do ser humano, o que este ser humano necessita executar em sua vida: separar-se da família original, conquistar um reino por meio de feitos heróicos, conquistar o mundo exterior, encontrar o verdadeiro amor, encontrar-se a si mesmo, ocupar um lugar na sociedade, assumir compromissos de casamento, de carreira, etc.

Lévi-Strauss (s/d) diz que a ciência moderna deveria fazer um esforço para conquistar de novo o que perdeu, referindo-se ao “pensamento mitológico”, como se nunca o tivesse perdido, tomando consciência de sua importância.

Idéia semelhante encontramos em Campbell (1995) que afirma que “um de nossos problemas, hoje em dia, é não estarmos familiarizados com a literatura do espírito”, cujas informações, provenientes de tempos antigos, relacionam-se com “temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e informaram religiões através dos séculos” (p. 4). Estas informações vão alertando sobre profundos problemas interiores, levando nossa atenção sobre os mistérios e colocando-nos em contato com os limiares da travessia da vida.

Afirma ainda Campbell (1995) que aquele que não souber “o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta”. Mas o indivíduo, atento ao simbolismo presente no assunto, perceberá “um senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que não quererá abrir mão dele” (p. 5).

Eliade (1991) aponta ainda que as imagens, os símbolos e os mitos respondem e preenchem a função de revelar as mais profundas e secretas modalidades do ser e que seu estudo permite conhecermos melhor.

Os contos de fadas favorecem o desenvolvimento da personalidade, ao mesmo tempo em que divertem a criança e a esclarecem sobre si mesma, pois, seus temas giram em torno de questões existenciais e/ou éticas, onde a trama, sempre exagerada e estereotipada, apresenta feitos de personagens covardes ou corajosos, afáveis ou sinistros, maus ou bons, bonitos ou feios. Tais personagens, reis e rainhas, podem significar conteúdos como dignidade e sabedoria, magos, fadas, gênios, com conteúdos do transcendente, divino, poder mágico, bruxas com a

maldade, gigantes, com a brutalidade e inconsciência, crianças com a fragilidade e a inocência.

De acordo com Bettelheim (1980), os contos de fadas oferecem significados “em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança” (p. 20).

Os contos de fadas estão vinculados à educação de crianças desde época de Platão, quando as mulheres mais velhas contavam às crianças histórias simbólicas – “mythoi”. Há indícios que alguns temas se reportem a 25000 anos a.C., de maneira inalterada. Isso se explica por refletirem uma estrutura psicológica de base universal, os arquétipos (Von Franz, 1990).

Os arquétipos são, segundo Jung (1988), estruturas presentes no inconsciente coletivo, como formas pré-determinadas para pensar e agir, possibilidades herdadas comuns a todos os homens, e que levam a representação de imagens similares, isto é, “formas instintivas de imaginar”. O arquétipo é para a psique o que o instinto é para a biologia. Sendo assim, ressaltamos que os contos de fadas diferem dos mitos em sua linguagem, mas não em sua “estrutura básica” – que é arquetípica.

Mas parece que a idéia dos contos de fadas como histórias sem nexos, de “pura fantasia ou mentira”, já apresenta modificações, e destacamos a visão de Coelho (1998) que apresenta o quanto a ciência está se voltando para as idéias de transcendência, mistério, maravilhoso, imaginário, onírico, fantástico, e que as histórias narradas nos contos estão sendo tratadas “como portas que se abrem para determinadas verdades humanas” (p. 9).

Qual seria então a importância de estudar se os contos de fadas, numa perspectiva da psicologia da educação?

De acordo com Coll, Palacios e Marchesi (1996), a psicologia da educação é uma disciplina “1) psicológica e educativa, de caráter aplicado, cujo objeto de estudo é constituído pelas mudanças produzidas nas pessoas como consequência de sua participação em atividades educativas;

2) explicativa, elaborando e propondo teorias e modelos explicativos sobre o fenômeno educativo em geral e sobre os processos de mudança que estes geram em particular;

3) projetiva, mediante o projeto e o planejamento de planos educativos e de intervenção psicopedagógica capazes de promover determinados tipos de mudança e
4) prática, na colocação de instrumentos e técnicas úteis para a intervenção e análise da prática educativa e psicopedagógica” (p. 419).

A meu ver, o trabalho a ser desenvolvido com os contos de fadas estudando-se seus simbolismos numa abordagem junguiana, encaixa-se perfeitamente nos conceitos de Coll, Palacios e Marchesi (1996), pois se apóia numa teoria; analisa e considera as diferentes fases de desenvolvimento psíquico, possibilitando com isso planejar que contos são mais interessantes de acordo com a idade e o desenvolvimento emocional das crianças; promovendo mudanças psicológicas e fundamentando na prática em si, narrar os contos às crianças.

Nossa época parece carecer de mestres capazes de iniciar-nos na vida interior.

Mas, se voltarmos nossa atenção a esta prática, se elaborarmos outros trabalhos neste sentido, uma “nova” ciência, voltada para a alma, se tornará conhecida. Uma “nova” ciência, capaz de suscitar, de reconhecer e valorizar o sentido da realidade interior. Sendo assim, estaremos contribuindo, e muito, para o reaparecimento dos mestres - iniciados que contam sobre o sentido da vida, suas etapas, seus mistérios, trazendo de volta a tarefa de acordarmos para a sabedoria que adormece em nossa alma.

E ficará para sempre na memória de muitos, a figura de alguém que sabia com maestria iniciar as “três palavras mágicas”: Era uma vez...

Referências bibliográficas.

- BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAMPBELL, J. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1995.
- COELHO, N. N. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 1998.
- COLL, C. & PALACIOS, J. & MARCHESI, A. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ELIADE, M. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FROMM, E. *A Linguagem Esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

JUNG, C.G. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*.
Petrópolis: Vozes, 1988.

LEVI-STRAUSS, C. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições
70, s/d.

MACHADO FILHO, P. T. *Gestos de Cura e seu
Symbolismo*. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado
– Departamento de Ciências Sociais – Antropologia
Social, 1994.

PAVONI, A. *Os Contos e os Mitos no Ensino – uma
abordagem junguiana*. São Paulo: EPU, 1989.

VON FRANZ, M. L. *A Individuação nos Contos de Fada*.
São Paulo: Paulus, 1990.

_____. *A Interpretação dos Contos de Fadas*. São Paulo:
Paulus, 1990.

Rec. 10/10/2000 - Aprov. 25/05/2001

Lúcia Helena Hebling Almeida é psicóloga Especialista
em Psicologia Escolar e da Aprendizagem pela PUCAMP
– Campinas – SP; Especialista em Cinesiologia e Psicologia
Junguiana pelo “Instituto Sedes Sapientiae” – São Paulo –
SP ; Mestre em Ciências da Motricidade pela UNESP –
Rio Claro – SP; e Doutoranda em Saúde Mental (área de
concentração: Psicologia e Religião) pela FCM -
UNICAMP – Campinas – SP.

Correspondência:

Lúcia Helena Hebling Almeida
Rua 1 n. 344 CJ – Cidade Jardim
13501-010 – Rio Claro – SP
Tel.: (19) 524.5133
Email: luciahha@terra.com.br
